

**ROTEIROS VISUAIS
NO BRASIL**

NOS CAMINHOS DO BARROCO

ALBERTO MARTINS E GLÓRIA KOK

claroenigma

Copyright © 2015 by Alberto Martins e Glória Kok

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

foto de capa

Detalhe do desenho do Timpano da fachada da Igreja de São Francisco de Assis em São João del Rei, século XVIII, aquarela atribuída a Antônio Francisco Lisboa, Aleijadinho, 66 X 34 cm. Minas Gerais, MinC/ IPHAN/ Museu da Inconfidência

Conjunto de balaustrada de elemento arquitetônico:

© depositphotos

preparação

SILVIA MASSIMINI FELIX

revisão

JANE PESSOA

CARMEN T. S. COSTA

ADRIANA MOREIRA PEDRO

tratamento de imagem

AMÉRICO FREIRIA

diagramação

RAUL LOUREIRO

ALICE VIGGIANI

mapa da página 66

SÔNIA VAZ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martins, Alberto

Roteiros visuais no Brasil : Nos caminhos do Barroco / Alberto Martins e Glória Kok. — 1ª ed. — São Paulo : Claro Enigma, 2015.

ISBN 978-85-8166-124-7

1. Arte — História 2. Arte — História — Antiguidade 3. Arte barroca 4. Arte pré-histórica — Brasil — História 5. Arte rupestre 6. Signos e símbolos 7. Sítios arqueológicos 1. Kok, Glória; Martins, Alberto 11. Título.

15-05599

CDD-709.01130981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Patrimônio histórico-arqueológico : História 709.01130981

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA

Rua Bandeira Paulista, 702, CJ. 71

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3531

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

A marca fsc® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

Esta obra foi composta em Kievit Offc e impressa pela Geográfica em ofsete sobre papel Couché Matte da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarcz em setembro de 2015

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO 6

INTRODUÇÃO 9

ANTECEDENTES DO BARROCO 17

O BARROCO NO NORDESTE 27

O BARROCO EM MINAS GERAIS 50

A DIFUSÃO DO BARROCO 80

CONCLUSÃO 94

GLOSSÁRIO 97

MUSEUS DE ARTE COLONIAL E BARROCA 98

SOBRE OS AUTORES 99

BIBLIOGRAFIA 100

CRÉDITOS DAS IMAGENS 102

ANTECEDENTES DO BARROCO

FORTALEZAS DE PAU A PIQUE

Quando chegaram às terras que viriam a constituir o Brasil, os europeus limitaram-se de início a ocupar a faixa litorânea — sobretudo a da Bahia, sede do governo-geral de 1549 a 1763; de Pernambuco, onde estabeleceram inúmeros engenhos de açúcar; e, em menor escala, aquela em torno de São Vicente, na região Sudeste. Como observou o historiador frei Vicente Salvador, durante todo o século XVI e boa parte do XVII os portugueses se contentavam em “andar arranhando ao longo do mar como caranguejos”.

Vejamos o que diz o regimento de 1548 de Tomé de Sousa, primeiro governador-geral da América portuguesa, que desembarcaria na Bahia no ano seguinte. Como uma de suas primeiras providências, ele determinava a construção de uma fortaleza e o envio de

Construído originalmente em madeira e barro, e refeito muitas vezes, o Forte de São João, em Bertioga, deve sua forma atual, de polígono irregular, ao projeto da arquitetura militar portuguesa elaborado em 1710.

Na página seguinte, percebe-se sua implantação estratégica, na quina da praia, protegendo a entrada do canal.

alguns oficiais, assim pedreiros e carpinteiros, como outros que poderão servir de fazer cal, telha, tijolo; e para se poder começar a dita fortaleza, vão, nos navios desta Armada, algumas achegas, e não achando na terra aparelho para se a dita fortaleza fazer de pedra e cal, far-se-á de pedra e barro ou taipas ou madeira, como melhor puder ser, de maneira que seja forte.

Vale a pena chamar a atenção para duas palavras.

Achega quer dizer “aquilo que se junta, que se acrescenta”; aqui tem o sentido de “material necessário à construção”. *Aparelho* designa a técnica, isto é, os meios para se fazer adequadamente alguma coisa.

A passagem é interessante, pois revela uma dinâmica própria da relação metrópole-colônia, válida não só para o Brasil, mas para toda a América Latina colonial. Caso não houvesse técnica para se construir com pedra e cal — os materiais recomendados —, a fortaleza devia ser feita “como melhor puder ser”.

Isto é: as instruções e os desenhos vêm de fora, mas os meios e o grosso do material para construir têm que ser encontrados aqui mesmo.

O Forte de Santo Antônio da Barra, em Salvador, no século XVI, praticamente não passava de uma trincheira de barro, reforçada por paliçadas de madeira. O mesmo ocorria com o Forte de São João, erguido em 1532 por ordens de Martim Afonso de Sousa, com o intuito de defender a entrada do canal de Bertioga, em São Paulo. Ele foi destruído pelos Tupinambá em 1547 e teve que ser reconstruído muitas vezes desde então.

No período da União Ibérica, entre 1580 e 1640, a construção de fortes e fortalezas ganhou um novo impulso sob as ordens do rei espanhol Filipe II, que contratou

HANS STADEN

Em meados de janeiro de 1554, o aventureiro alemão Hans Staden, que servia como arcabuzeiro num forte português no canal de Bertioga, no litoral da capitania de São Vicente, foi capturado pelos Tupinambá e levado de canoa para a região da atual Ubatuba. Depois de passar nove meses entre os índios, que ameaçavam matá-lo e comê-lo a todo momento, Staden foi resgatado por um navio francês e regressou à Europa em 1556.

Ele foi o primeiro europeu a conviver de perto com os índios no litoral brasileiro, e deixou um relato muito vivo de suas práticas e costumes, entre os quais se incluía o ritual da antropofagia, que ele descreve em detalhes.

Publicado em 1557 na Alemanha, com 53 gravuras, seu livro *Dois viagens ao Brasil* fez grande sucesso e ajudou a moldar a imagem que por muitos anos os europeus teriam dos índios do Novo Mundo. E graças ao seu poder de observação, o relato de Hans Staden é ainda hoje uma das melhores fontes para o conhecimento da vida nos primeiros tempos do Brasil colônia.



PAU A PIQUE E TAIPA DE PILÃO

As primeiras edificações em solo brasileiro foram feitas na base do pau a pique e taipa de pilão — técnicas construtivas fundamentais, ainda hoje muito praticadas no país.

No pau a pique constrói-se uma trama de madeira e bambu (em geral, as ripas verticais são feitas de madeira e fincadas no chão, e as horizontais, que as ligam, são de bambu) e preenche-se com barro, formando assim muros e paredes.

Na taipa erguem-se dois tabuados laterais — os taipais — e entre eles soca-se o barro úmido com um pilão. Para dar mais resistência ao material depois de seco, costuma-se acrescentar pedras, galhos, capim, fibras vegetais e animais, além de substâncias que ajudam a dar liga entre os elementos, como o sangue de boi.

No centro da cidade de São Paulo ainda hoje sobrevive um largo trecho de uma parede de taipa erguida em 1585, por ocasião da reforma do colégio de São Paulo de Piratininga, fundado pelos jesuítas José de Anchieta e Manuel da Nóbrega em 1554.

especialistas italianos para edificar, em todo o seu império, obras de defesa apropriadas ao novo aparato bélico.

Para minimizar o alvo e o impacto dos projéteis, as fortificações passaram a ser baixas, com muros e paredes de grande espessura. Datam desse período, por exemplo, as fortalezas de Nossa Senhora de Monte Serrat (1583), no extremo norte da cidade de Salvador, e a de Santo Amaro da Barra Grande (1584), no Guarujá, em frente à cidade de Santos.

O desenho desta última é de autoria do arquiteto italiano Giovanni Battista Antonelli que, mais tarde, seria o principal engenheiro de Filipe II no Caribe, onde projetaria as muralhas defensivas de Cartagenas de Índias, atual Colômbia, e importantes obras de defesa em Cuba, Panamá e Porto Rico, muitas delas hoje consideradas patrimônio da humanidade pela Unesco.

Outras fortificações que merecem destaque no período são o Forte dos Reis Magos (1614), na entrada da barra de Natal, um impressionante polígono em forma de estrela, que fica inteiramente cercado pelo mar durante a maré alta, e o Forte de São Marcelo (também conhecido como Forte do Mar) diante da cidade de Salvador, cuja construção se iniciou em 1608. Antes de ser concluído, foi tomado pelas tropas holandesas a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, que dali passaram a disparar contra a cidade em 1624.

Os dois fortes foram desenhados por Francisco de Frias (1578-c. 1645), considerado um dos nomes mais inventivos da arquitetura militar da América portuguesa. Ele desembarcou em 1603 e aqui permaneceu por mais de trinta anos, projetando e acompanhando a construção de fortins e fortalezas em Recife, na Paraíba, no Maranhão (onde foi também o responsável pelo desenho da trama urbana de São Luís, depois da expulsão dos franceses), em Cabo Frio e outros lugares.

Dois exemplos de engenhosa arquitetura militar, calcados em formas geométricas.

No alto, a “estrela de cinco pontas” do Forte dos Reis Magos, no Rio Grande do Norte, que permite “cruzar fogos” — isto é, alvejar, ao mesmo tempo, o inimigo a partir de ângulos distintos.

Abaixo, o Forte de São Marcelo, que aproveitou a existência de um banco de areia na Baía de Todos-os-Santos. Sua forma circular é inspirada no Forte de São Lourenço do Bugio, na foz do rio Tejo, em Portugal.

AS ORDENS RELIGIOSAS

Em 1549, junto com Tomé de Sousa, que concentra os poderes militar e político, desembarcam na Bahia os primeiros padres da Companhia de Jesus, que tinha sede em Roma e logo se tornaria umas das organizações mais poderosas de seu tempo, com ramificações em vários pontos do planeta.

No empenho de catequizar os nativos e conquistar almas para a Igreja católica, os jesuítas — e mais tarde também os beneditinos, os franciscanos, os carmelitas e outras ordens menores — logo se espalham pelo território da colônia e fundam colégios, capelas e núcleos de povoamento nos quais reúnem a população indígena e tentam lhes ensinar os preceitos cristãos.

Os padres Manuel da Nóbrega, José de Anchieta e outros religiosos deixaram valiosos depoimentos a respeito das tentativas — na maioria das vezes, malsucedidas — de converter os indígenas e convencê-los a abandonar o nomadismo, a poligamia, a antropofagia e outras práticas estranhas ao cristianismo.

No centro desses núcleos de povoamento encontram-se igrejas e capelas que ainda hoje podem ser visitadas, como a igreja dos Reis Magos (1615), em Nova Almeida, Espírito Santo; a Matriz de São Pedro da Aldeia (1617), no Rio de Janeiro; ou a Capela de São Miguel Paulista (1622), em São Paulo.

Na grande maioria dessas igrejas o trabalho era realizado por mão de obra indígena, orientada por um religioso que tinha conhecimentos de arquitetura, construção e trabalhos manuais. O tratamento dado à imagem e à matéria por um pintor ou entalhador indígena é certamente diverso daquele dado por um artesão europeu que fosse treinado numa corporação de ofícios. No entanto, são necessários muitos e meticulosos estudos para apontar nessas construções o que se deve à mão de obra nativa e o que se deve à europeia.

A igreja dos Reis Magos, em Nova Almeida, Espírito Santo, constituía o centro de um núcleo de catequese indígena

mantido pelos jesuítas entre os séculos XVI e XVIII. O conjunto, que compreende, além da igreja, claustro, sacristia e residência dos padres, foi erguido entre 1580 e 1615 com a participação dos índios Tupiniquim.

O retábulo da igreja dos Reis Magos, que pode ser visto ainda hoje como uma das mais belas esculturas em madeira realizadas no Brasil, combina figuras de origem europeia, como folhas de parreira, com animais imaginários, que provavelmente se devem ao trabalho dos Tupiniquim que participaram da construção da obra.

Os caju, abacaxis e outras frutas nativas que aparecem no retábulo da Capela de Nossa Senhora da Conceição, da antiga Fazenda Voturuna, no interior de São Paulo, são para muitos estudiosos prova inequívoca da participação do trabalho indígena.